



Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

RESOLUÇÕES

DA V.^a REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

I — SOBRE AS «ELEIÇÕES» PARA DEPUTADOS EM NOVEMBRO DE 1953

A V.^a REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta que os resultados da campanha eleitoral e das «eleições» para deputados em Novembro de 1953 foram positivos para o Partido e para as outras forças democráticas. Na verdade, verifica-se que:

1.^o — A orientação estabelecida pelo Partido sobre as chamadas eleições para deputados triunfou e foi aceite pelas forças democráticas e pelas massas. Estas levaram a efeito importantes acções na luta pelas condições mínimas. A Unidade foi mantida e o fascismo foi, como nas jornadas anteriores, isolado e desmascarado, com a particularidade de ter havido desta vez maior fiscalização por parte das massas e maior desmascaramento das falcatruas do fascismo.

2.^o — A apresentação, por parte dos dirigentes da falsa oposição, de listas de candidatos a deputados, em Lisboa, Porto e Aveiro, foi um acto de colaboração com o fascismo e o imperialismo que teve o objectivo de isolar o Partido e quebrar a Unidade das forças democráticas. Mas esta manobra provocatória, que não encontrou apoio das massas, foi desmascarada. Não foi o Partido Comunista que ficou isolado das outras forças democráticas e das massas, mas os colaboracionistas, o fascismo e os seus agentes. Democratas que foram enganados pelos colaboracionistas viram já, ou começam hoje a ver claro, quais eram os objectivos destes. Entretanto, é necessário continuar a manter a perseguição, vigilância, porque o fascismo e os colaboracionistas continuam interessados em repetir manobras provocatórias e de divisão das forças democráticas. Nas próximas eleições para as Juntas de Freguesia, todas as tentativas dos colaboracionistas para dividir as forças democráticas devem ser desmascaradas e rechaçadas com energia e prontidão.

3.^o — Apesar dos resultados positivos para o Partido e as outras forças democráticas, houve erros e deficiências.

Alguns camareadas e democratas consequentes tiveram dúvidas e vacilações sobre a justeza da orientação estabelecida e por esse facto a sua iniciativa e combatividade ficaram diminuídas. Isso impediu uma maior mobilização de massas para a luta pelas condições mínimas.

A V.^a REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta a necessidade de se abrir uma ampla discussão em todo o Partido sobre este importante problema e lutar da discussão ensinamentos para a nossa actividade futura. É de maior utilidade levarmos esta discussão ao seio das outras forças democráticas e das massas.

II — SOBRE O REFORÇAMENTO E ALARGAMENTO DA UNIDADE DE ACÇÃO

1.^o — Os intensos preparativos de guerra do salsarismo e a sua submissão aos imperialistas e fomen-

tadores de guerra americanos e ingleses no terreno económico, político e militar conduzem o país à perda da Soberania e Independência Nacionais e agudizam as condições de vida do povo português. Desta criminoso política resulta a crise e a ruína do país. O desemprego, a carestia da vida, os baixos salários, uma vida de miséria e de obscurantismo para o povo e a ruína das classes médias são o produto da política de guerra e de submissão aos imperialistas.

2.^o — Precisamente por que a experiência nos mostra que é a luta dos povos que obriga os imperialistas e fomentadores de guerra a recuar, nós temos o dever de intensificar a luta pela Paz no nosso País.

Os encorajadores resultados da Conferência de Berlim mostram que devemos aumentar os nossos esforços em defesa da Paz, lutando contra os pactos agressivos e de guerra — o Pacto do Atlântico, o Bloco Ibérico e o tratado Luso-Brasileiro — lutando contra a corrida aos armamentos, dando o nosso apoio incondicional à proposta da gloriosa União Soviética sobre o Tratado de Segurança Colectiva na Europa e desenvolvendo a mais larga luta do povo Português a favor do problema da NEGOCIAÇÃO, como forma de solução para os problemas internacionais em litígio e para assegurar o entendimento e a coexistência pacífica entre os diversos Estados.

3.^o — A V.^a REUNIÃO AMPLIADA salienta que os perigos que rodeiam a nossa Pátria impõem a luta unida e organizada de todos os democratas e patriotas para o derrubamento do regime fascista e para a instauração de um Governo Democrático de Unidade Nacional que estabeleça imediatamente as liberdades fundamentais e realize Eleições Livres através das quais o povo possa escolher o governo democrático que o represente e garanta a Paz, a Soberania e a Independência Nacionais. Isto só pode realizar-se através do reforçamento da Unidade da Acção de todas as forças democráticas e patrióticas com o povo.

4.^o — A V.^a REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta que a justeza da orientação estabelecida pelo Partido e as outras forças democráticas na última campanha eleitoral ao prestígio perante as massas. A conclusão a tirar deste facto é que se abrem novas perspectivas ao alargamento da Unidade de Acção e ao reforçamento da ligeira do Partido com as massas. As possibilidades do reforçamento e alargamento da Unidade das forças democráticas nacionais com as mais vastas camadas da população são cada vez maiores.

5.^o — A V.^a REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central aprova a PLATAFORMA DE UNIDADE publicada pelo Secretariado do Comité Central no «Avante!» n.º 185, de Fevereiro de 1954, e incita todo o Partido a popularizá-la e a estabelecer a Unidade de Acção na base de 3 pontos da PLATAFORMA. Os 3 pontos da PLATAFORMA DE UNIDADE são:

1 — UNIDADE DE ACÇÃO NA DEFESA DA SOBERANIA E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAIS

2 — UNIDADE DE ACÇÃO NA DEFESA DA VIDA PACÍFICA DO POVO PORTUGUÊS.

3 — UNIDADE DE ACÇÃO NA CONQUISTA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS.

Para conseguirmos todos estes grandes objectivos patrióticos de Paz e Democracia, devemos fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para fortalecer e alargar a Unidade de Acção com os democratas, os patriotas e as massas. Esta grandiosa tarefa não pode ser somente obra do nosso Partido, mas de todas as forças democráticas e patrióticas. Nós, os comunistas, acolheremos fraternalmente e colaboraremos com todos os democratas e patriotas de boa vontade, mesmo com aqueles que ainda ontem acclamaram de forma errada, mas que hoje estejam dispostos a vir à Unidade e a dar-lhe o seu apoio activo.

6.º — Os 3 pontos desta PLATAFORMA DE UNIDADE são capazes de unir todos os democratas e patriotas portugueses, porque neles estão consubstanciadas as aspirações imediatas e fundamentais do nosso povo e de todos os sectores democráticos e patrióticos. Em cada um destes 3 pontos existe uma série de problemas concretos para a mobilização e acção das massas.

7.º — A V.ª REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta que os 3 pontos da PLATAFORMA DE UNIDADE constituem uma base mínima indispensável para a Unidade de Acção de todos os democratas, patriotas e portugueses honrados e permitem o isolamento dos oportunistas e falsos democratas de todos os matizes.

8.º — Na base dos pontos da PLATAFORMA DE UNIDADE podem criar-se amplos movimentos de massas. O salazarismo concedeu aos imperialistas americanos e ingleses a exploração, no Continente e nas Colónias, das minas de ferro, pirites, urânio, volfrâmio, diamantes, ouro e dos jazigos de petróleo. As matérias primas estão a ser esgotadas e saqueadas pelos imperialistas, o que significa não só a enriquecimento neste momento de lucros enormes aos imperialistas estrangeiros, em prejuízo do nosso país, como também compromete o nosso futuro desenvolvimento industrial, porque nos forçará a comprar a peso de ouro o que o salazarismo agora cede quase de graça.

Esta situação permite a formação de um amplo e poderoso movimento específico onde participem as mais largas massas do nosso povo em defesa das matérias primas nacionais.

A volta da luta pelas relações económicas com todos os países poder-se-á, da mesma forma, organizar outro amplo movimento de massas. Os imperialistas roubam as matérias primas do nosso país, compram reduzidas quantidades de cortiça manufacturada, resina, vinhos tratados, etc., e metem no nosso País toda a espécie de bugigangas.

As nossas relações comerciais com todos os países do mundo contribuiriam para sanear a nossa economia asfixiada pelos trusts americanos, para alenar a crise, diminuir o desemprego e a miséria do povo português, quer no Continente, quer nas Colónias.

A par da formação destes e doutros movimentos específicos deve promover-se o alargamento e fortalecimento dos movimentos das mulheres, escritores e artistas.

Dada a importância particular do M. N. D., M. U. D. J. e Movimento Nacional da Paz para o alargamento e fortalecimento da Unidade de Acção, os militantes do Partido devem esforçar-se por intensificar a ajuda a estes movimentos. Nos pontos expressos na PLATAFORMA DE UNIDADE encontram-se, pois, amplas perspectivas de luta que todos os democratas devem saber aproveitar.

9.º — Ainda dentro do problema da Unidade cabe o problema das próximas ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA que se revestem de maior importância. Através dum largo trabalho de Unidade em cada freguesia podem ser reivindicados muitos melhoramentos locais e de assistência. Podem ser eleitos homens honrados que se comprometem, uma vez eleitos, a lutar pela realização destes melhoramentos. Para transformar esta orientação numa realidade, é necessária a maior actividade para mobilizar os democratas e as massas e estabelecer a Unidade de Acção.

A elaboração de listas de melhoramentos locais a reclamar e a formação de Comissões de Unidade em cada freguesia para levar à prática a orientação estabelecida deve ser a primeira tarefa a realizar neste

terreno.

A V.ª REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta que estamos atirados neste terreno e que devemos desenvolver os maiores esforços para vencer este atirado. Devemos igualmente ter em conta a necessidade de trabalhar para que a constituição das Comissões de Unidade nas freguesias se mantenha para além destas eleições.

10.º — A V.ª Reunião Ampliada do Comité Central, ao mesmo tempo que aprova a PLATAFORMA DE UNIDADE e coloca a todo o Partido a necessidade de a transformar numa realidade viva, chama também a atenção de todo o Partido para continuar a dispensar a maior atenção ao desenvolvimento e intensificação das lutas da classe operária, dos camponeses e pelas reivindicações populares. Isto quer dizer que, a par da PLATAFORMA DE UNIDADE, continuam de pé todas as resoluções da IV.ª Reunião Ampliada sobre a Unidade de Acção, acrescidas de várias lutas, como a luta por rendas de casa baratas, contra a carestia da vida, contra a feroz repressão fascista, etc.. É de salientar a importância do alargamento do trabalho de Unidade junto das forças armadas.

A V.ª Reunião Ampliada do Comité Central salienta que existem todas as condições objectivas para a intensificação da luta. Todo o Partido deve inspirar-se nos materiais editados onde se encontram assinalados os assuntos que nos levam à realização das acções de massas.

11.º — A V.ª REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central considera necessário intensificar o apoio à luta dos povos coloniais que são aliados da nossa luta. O Partido defende a auto-determinação dos povos coloniais e apoia a sua luta neste terreno. Mas, ao mesmo tempo, assinala que devemos trabalhar para que os povos coloniais lutem pela Paz, pela Democracia e pelo Pão, como primeiro passo para a sua emancipação do jugo a que estão sujeitos pelo salazarismo e pelo imperialismo estrangeiro.

12.º — A V.ª Reunião Ampliada do Comité Central salienta que a Unidade de Acção preconizada só pode ser um facto na medida em que nela participe activamente a classe operária como força impulsionadora e dirigente. Sem a Unidade da classe operária não pode ser realizada a Unidade das forças democráticas. Por outro lado, deve também ser reforçada a aliança da classe operária com os camponeses. Esta aliança, que tornará a Unidade Nacional mais forte e poderosa, estabelece-se na acção e na luta.

13.º — A V.ª REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta ainda que a condição essencial para a realização das tarefas do alargamento da Unidade de Acção na defesa da Paz, da Soberania e Independência Nacionais e da Democracia é a confiança nas massas e o trabalharmos sempre estreitamente ligados a elas.

14.º — A V.ª REUNIÃO AMPLIADA do Comité Central salienta finalmente que a PLATAFORMA DE UNIDADE e a Unidade de Acção abrem um largo caminho à luta do nosso povo. A política de Unidade de Acção deve estender-se a todos os homens, mulheres e jovens honrados, sem nos preocuparmos com a sua crença ou ideologia. A luta deve estender-se e alargar-se não só às classes trabalhadoras mas também às classes médias e à intelectualidade portuguesa; não só aos democratas, mas também aos patriotas e a todo o povo; não só aos soldados, mas também aos sergentes e oficiais patriotas que sentem os ultrajes e as vexames da boia imperialista. A luta deve alargar-se e estender-se a todos aqueles que desejem libertar-se da opressão do salazarismo e desejem viver numa Pátria livre e feliz.

15.º Verificando a importância da compreensão das Resoluções para o trabalho de Unidade, a V.ª Reunião Ampliada do Comité Central torna obrigatória a sua ampla discussão em todos os organismos do Partido.

III — SOBRE O PROJECTO DE PROGRAMA DO PARTIDO

A V.ª Reunião Ampliada do Comité Central, ao abrir a discussão sobre o Projecto de Programa apresentado pelo Secretariado do Comité Central, regista o elevado significado político, na vida do Partido, da elaboração do seu Programa.

O Partido chama a atenção de todos os camaradas e organizações para a necessidade de discutir em to-

do o Partido e junto das massas o Projecto de Programa que vai ser publicado. Saliente igualmente a necessidade de que os camaradas responsáveis façam

chegar ao Comité Central as opiniões e sugestões dos militantes do Partido, dos democratas e das massas sobre o Projecto do Programa.

Março de 1954

O QUE NOS DIZEM AS ÚLTIMAS LUTAS OPERÁRIAS E CAMPONESAS



por RAMIRO

Os meses de Fevereiro e Março deste ano foram ricos de lutas de massas, a maioria delas vitoriosas.

As greves, marchas e concentrações de milhares de operários e operárias têxteis do Norte, nas fábricas da Giesta, Riba d'Ave e Vila do Conde, as lutas reivindicativas vitoriosas dos operários das fábricas da Matinha e dos Sabões, do Poço do Bispo, e de outras empresas de Lisboa, as lutas massivas de milhares de valentes camponeses e camponesas em Pias e Vale de Vargo, que tomaram conta das ruas e das localidades, testemunham duma forma bem eloquente o levantamento das massas trabalhadoras contra a política de fome e de guerra da infame camarilha salazarista.

As greves operárias e as lutas camponesas do começo deste ano revelam um novo ascenso revolucionário, provam claramente a disposição de luta das amplas massas e a sua radicalização crescente, são formas superiores de luta a que a classe operária e os camponeses têm de recorrer se quiserem defender os seus interesses vitais e fazer valer os seus direitos. Os exemplos heróicos das camponesas de Pias e Vale de Vargo, que ofereciam os peitos às balas das metralhadoras da G.N.R. e deitavam corajosamente mão às armas, forçando-as a disparar para o ar, para que os guardas não pudessem atingir a multidão, e o caso das valentes operárias têxteis da fábrica da Giesta (Porto) que se recusaram, perante as intimidades da PIDE e do patrão, a pôrem os teares a trabalhar ou os fizeram parar quando postos a trabalhar por eles, são exemplos magníficos de firmeza e de combatividade, provam-nos claramente que as massas trabalhadoras estão dispostas a recorrer a todas as formas de luta, mesmo as mais heróicas, para defenderem o seu pão e o seu trabalho, ou para lutarem vitoriosamente contra a bestial repressão fascista.

O crescimento que de mês para mês se verifica no número de lutas reivindicativas das classes trabalhadoras, muitas delas vitoriosas, e a participação massiva dos operários e empregados de Lisboa e do Porto nas eleições de vários sindicatos (onde conseguiram fazer eleger direcções honradas em alguns deles) são um testemunho da radicalização crescente das massas. As lutas travadas pelos operários das fábricas da Matinha, dos Sabões de Marvila, da Construtora Moderna, da Fábrica Lumiar, da Hauser & Fernandes, da Alfredo Alves, da C.^a Previdente, dos frigateiros, etc., em Lisboa, muitas delas vitoriosas total ou parcialmente, e as lutas dos operários do Baixo Ribatejo nas fábricas Têxtil do Sul (Alhandra), Soda Póvoa (S.ta Iria), C.^a Previdente (Sacavém), Fábrica da Loixa (Sacavém), etc., lutas estas também total ou parcialmente vitoriosas, assim como as lutas camponesas de Alpiarça, de Benavite e de muitas outras localidades, aí estão a testemunhar o levantamento das massas laboriosas do País na defesa dos seus interesses vitais e contra a política de fome e de guerra do fascismo.

As greves, marchas, concentrações, as lutas reivindicativas e o alargamento das Comissões de Unidade provam que a acção educadora do Partido se alarga de dia para dia junto das massas, que vai ganhando as amplas camadas da população, visto que estes seguem nas suas lutas as formas justas de acção apontadas desde sempre pelo Partido. A paralização das máquinas sem abandono do local de trabalho por mais ou menos tempo, conforme a disposição de luta dos trabalhadores; a marcha dos trabalhadores através das ruas e sua concentração nos Sindicatos ou junto das autoridades; a ida de amplas

Comissões de Unidade junto da gerência das empresas e a concentração dos operários nesses locais, para apoiarem os pedidos formulados pelas suas Comissões; as lutas de massas junto das autoridades contra a repressão fascista, são exemplos apontados desde sempre pelo Partido Comunista às classes trabalhadoras para a defesa dos seus interesses e conquista das suas reivindicações.

O facto dos valentes camponeses e camponesas de Pias e Vale de Vargo terem sabido aliar à sua luta contra a repressão fascista e por melhores salários a luta pela Paz, contra a dominação americana no nosso País e pela libertação de todos os patriotas e democratas presos, entre os quais Alvaro Cunhal e Francisco Miguel, dá a estas lutas de massas formas superiores, coloca-as à cabeça das lutas de massas camponesas nos últimos anos, mostra bem como os camponeses destas aldeias alentejanas se radicalizaram e compreendem hoje claramente que o único caminho que eles têm pela frente, para a sua libertação, é o caminho que o Partido Comunista lhes aponta, que é o da luta unida e organizada.

Que nos ensinam as últimas lutas?

As lutas operárias e camponesas do começo deste ano oferecem-nos alguns ensinamentos preciosos que nós, comunistas, deveremos ter muito em conta para podermos conduzir com êxito as novas lutas que se avizinham, pois nós não somente ensinamos as massas, como também aprendemos com elas.

Em primeiro lugar, estas lutas dizem-nos como são falhas de perspectivas e de verdade as ideias derrotistas daqueles camaradas que afirmam que os trabalhadores não estão dispostos a lutar pela defesa dos seus interesses vitais, que eles receiam as consequências da luta ou só se interessam pela bola e por divertimentos. Que isto é mentira provam-no as centenas de lutas que por todo o País se travam todos os meses, provam-nos claramente os operários têxteis do Norte e os valentes camponeses alentejanos. Estas lutas provam-nos a falta de justiça e de razão daqueles camaradas que manifestam falta de confiança na sua classe e nas massas e que receiam as consequências das lutas reivindicativas por pensarem que o resultado fatal delas será a sua prisão, pensando erradamente que o facto de lutarem e conduzirem lutas de massas em defesa dos seus interesses como trabalhadores os apresentará perante o patronato e a repressão fascista como membros do Partido.

Em segundo lugar, estas lutas dizem-nos que os nossos camaradas não devem consentir que o patronato e o fascismo recorram a manobras destinadas a dividir e a intimidar os trabalhadores quando estes defendem os seus interesses, como sucedeu com a lista de assinaturas entregue por um provocador à PIDE na Fábrica de Cimento Tejo, ou com a acção diversionista dos provocadores a soldo do famigerado «Papa-Ratos» e da C.P., entre os ferroviários do Barreiro. O desmascaramento rápido e enérgico dos provocadores e o combate decidido às suas manobras fará estreitar a unidade das massas e deitará por terra os vis intentos do patronato e do fascismo.

Em terceiro lugar, estas lutas mostram-nos que certos camaradas do Partido são acanhados, que não sabem ainda sondar as disposições de luta da sua classe e organizar e encabeçar essa luta, que se deixam por vezes surpreender pela iniciativa e audá-

cia das massas. Numa destas motimentações, os nossos camaradas não souberam marchar na vanguarda e consentiram assim que operários menos conscientes do que eles formulassem erradamente as aspirações da classe, intervindo os nossos camaradas só no fim para reporem as coisas na devida forma.

Em quarto lugar, estas lutas dizem-nos que nós não devemos nunca subestimar a disposição de luta dos trabalhadores de outras empresas ou localidades, que devemos tentar levá-los a apoiar as lutas que travamos. O facto das operárias da Fábrica da Areosa se mostrarem dispostas a marchar para a Fábrica da Giestra e aí apoiarem a luta das suas camaradas em greve e o facto de, em lutas anteriores, os operários de Pias e os camponeses de outras aldeias vizinhas terem apoiado as lutas dos camponeses de Pias, dizem-nos que devemos procurar alargar estas lutas e interessar nelas, e sempre que isso seja possível, outras empresas, localidades ou classes. É por isso inteiramente justa a iniciativa dos operários da Matinha, procurando interessar na sua luta os restantes operários das outras fábricas das Companhias Reunidas, o que irá reforçar e alargar a luta destes em defesa dos seus interesses. O facto dos comerciantes de Vila do Conde incitarem e apoiarem a luta dos operários contra os despedimentos; o facto das autoridades fascistas terem encerrado as lojas e tabernas em Pias e Vale de Vargo durante 8 dias trouxe aos seus proprietários prejuízos que os levaram a apoiar as lutas da população local; o facto de alguns intelectuais e elementos do clero se terem movimentado, apoiando as reivindicações operárias, em Vila do Conde, provam-nos que devemos saber atrair a estas lutas e levar a apoiá-las organizadamente as outras camadas da população; será assim que alargaremos a unidade combativa do povo português.

Em quinto lugar, os nossos camaradas, por vezes, não sabem dirigir as massas para as formas mais capazes de lhes assegurarem uma vitória total e imediata. Quando os 800 operários de Vila do Conde se encontravam concentrados no Sindicato, passou por eles o seu patrão e multi-milionário Delfim Ferreira. Se eles têm tido a audácia de correr todos para ele e cercarem-lhe o automóvel, formulando ali mesmo as suas reivindicações, naturalmente que este se teria satisfeito imediatamente, pois não teria a coragem de resistir perante todo o seu pessoal ali concentrado. Dirigindo só a luta para o Sindicato, os trabalhadores não souberam, por isso mesmo, aproveitar todas as possibilidades da luta de massas e de alcançarem uma vitória total na defesa dos seus interesses.

Em sexto lugar, é preciso que os nossos camaradas não consentam que as manobras divisionistas do patronato e autoridades fascistas vão por diante. Na luta de Riba d'Ave o patronato conseguiu dividir a classe, fazendo distinção entre os interesses dos operários casados e dos solteiros, dividindo-os assim. É preciso que os trabalhadores respondam a isto como respondeu um jovem operário da Matinha aos tubarões das Companhias Reunidas, dizendo-lhes que as necessidades de todos eles eram as mesmas, sejam casados ou solteiros, pois que os solteiros também têm pessoas de família a sustentar e ganham pouco. Quando os facinorosos da G.N.R. de Vale de Vargo pretendiam separar as 5 camponesas que tinham sido chamadas ao posto das restantes 50 mulheres aí concentradas, estas não consentiram, dizendo que ou ficavam todas elas presas ou eram todas libertadas, forçando assim a G.N.R. a ceder. Elas provaram, assim, mais uma vez que a unidade dos trabalhadores é a principal arma para a vitória.

Em sétimo lugar, estas lutas de massas provam-nos o papel destacado, e por vezes heróico, que as mulheres trabalhadoras podem tomar nas lutas, a necessidade que há, portanto, de nós, comunistas, sabermos ligar as mulheres operárias e camponesas às lutas da sua classe e de as chamarmos audaciosamente para as Comissões de Unidade e para os organismos de direcção do trabalho do Partido nas fábricas e aldeias. São as mulheres, como trabalhadoras, como mães e como donas de casa, quem mais sente

cravada na própria carne a exploração e opressão do patronato e do fascismo.

Novas lutas de massas se avizinham!



Como a Direcção do Partido vem assinalando de há um ano a esta parte, novas e mais amplas lutas de massas se avizinham, pois que, devido à acção do Partido e à evolução dos acontecimentos internos e externos, o nosso povo se sente incitado a procurar em si mesmo a força decisiva e capaz de lhe assegurar a sua libertação: por outro lado, a política de traição nacional, de fome e de guerra do fascismo torna cada vez mais negra a vida das massas trabalhadoras, forçando-as a lançar-se na luta para poderem defender os seus interesses vitais. Este conjunto de circunstâncias abre novos caminhos à luta de massas.

As lutas que se avizinham exigem do Partido e dos seus militantes mais acção e trazem-lhes maiores responsabilidades, pois que um e outros têm de saber conduzi-las com êxito até à vitória. Para podermos realizar esta tarefa fundamental necessário se torna que os militantes do Partido se saibam ligar cada vez mais às massas, que saibam sondar atentamente as suas aspirações mais sentidas e que encabeçem audaciosamente a luta por elas. Será na medida em que os comunistas compreenderem que a sua tarefa fundamental, estejam onde estiverem, é defender os interesses das massas populares, que os interesses do Partido são unos e inseparáveis dos interesses dos trabalhadores, que há, portanto, que saber quais são esses interesses e estudar a melhor forma de os defender, de unir e organizar as massas na luta por eles, será assim que o Partido cumprirá a sua missão histórica no momento presente e corresponderá aquilo que o nosso povo dele espera.

Na unificação e organização das massas trabalhadoras da cidade e do campo para a luta vitoriosa em defesa dos seus interesses cabe um papel decisivo às células do Partido nas empresas e nos campos. Toda a actividade das células do Partido nas fábricas e nos campos tem de estar virada para a luta em defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores dessas empresas e dessas aldeias ou ranchos. Células do Partido que não façam coisa de toda a sua actividade a acção contínua, persistente e organizada em defesa dos interesses dos trabalhadores não correspondem ao que devem ser as suas tarefas, são organismos mortos e condenados de antemão a serem ultrapassados pela iniciativa das massas ou a travarem as suas possibilidades de luta, desprestigiando desta forma o Partido.

A criação de Comissões de Unidade, amplas e representativas, e actuando sempre estreitamente ligadas às massas, deverá ser a tarefa fundamental de todas as células do Partido conscientes dos seus deveres perante a sua classe e o seu Partido. As Comissões de Unidade são uma arma poderosa para a luta unida e organizada dos trabalhadores na defesa dos seus interesses vitais.

Combater em todo o Partido, de alto a baixo, o sectarismo e as formas fechadas de actuação, procurar ligar cada militante do Partido às massas, insuflando-lhe, desta forma, novas energias, abrindo-lhe mais largas perspectivas e dando-lhe aquela audácia, experiência e espírito de iniciativa que só a ligação estreita com as massas pode assegurar, é a tarefa número um para todos os nossos quadros de direcção em todos os sectores, para assim podermos corresponder às novas lutas de massas. As novas lutas de massas que se avizinham exigem de nós e do nosso Partido que saibamos forjar rapidamente militantes verdadeiramente dignos deste nome, homens e mulheres ligados à sua classe na defesa dos seus interesses vitais, da Paz e da Democracia, homens e mulheres audaciosos e maleáveis. Eis o grande problema da hora presente para o nosso Partido.

COM UM TRABALHO COLECTIVO VEMOS MAIS E MELHOR ACTIVIDADE DO PARTIDO E VEMOS O RÁPIDO DESENVOLVIMENTO DOS QUADROS, DA SUA SEGURANÇA E CONSCIÊNCIA POLÍTICA, O SEU AMADURECIMENTO

ÁLVARO CUNHAL

MELHOR DEFESA CONSPIRATIVA!

MELHOR DEFESA DAS ORGANIZAÇÕES E QUADROS DO PARTIDO!

por **ALBERTO**

Na sua última reunião, ao analisar o trabalho conspirativo do Partido, o Secretariado deparou com toda uma série de transgressões e de erros dos mais perigosos para a segurança das organizações, das instalações e dos quadros do Partido, particularmente do quadro de funcionários.

Verificaram-se casos em que organismos e camaradas do Partido não cumpriram as regras conspirativas, não procederam ao estudo conveniente dos materiais relativos ao problema conspirativo, não revelaram, em muitos casos, o necessário espírito de iniciativa para defesa da organização. Verificaram-se casos de camaradas que não defenderam convenientemente as suas instalações, de onde resultaram suspeitas de vizinhança e, por vezes, até vigilância policial. Verificaram-se encontros em excesso, muitos deles em sítios e a horas desde há muito condenados, por inconvenientes, assim como a utilização de meios de transporte desde há muito proibidos por determinações superiores do Partido. Verificaram-se casos de camaradas e não exercerem a necessária vigilância, os necessários cuidados, durante a sua movimentação, facilitando, deste modo, a acção da polícia contra si e contra as camaradas e organizações com quem estão em contacto. Verificaram-se casos de camaradas a irem a casa de outros antes de se certificarem se há ou não perigos para a sua segurança, não tomando, por outro lado, todos os cuidados correspondentes à defesa das citadas casas e dos camaradas que nelas vivem. Verificaram-se casos de camaradas a irem a localidades e a tais horas que se tornaram suspeitos, nuns casos, e estiveram prestes a ser presos, noutros. Verificaram-se casos de camaradas a utilizarem cifras e outras formas de apontamentos, para marcar encontros, que, uma vez epanhados pela polícia, lhe facilitarão novos golpes no Partido.

A tudo isto acrescem ainda outros factos bem comprovativos do relaxamento das regras conspirativas: um certo liberalismo que leva a pôr determinados factos no conhecimento de camaradas que não necessitam sabê-los para o bom desempenho das suas tarefas; a Inconfidência, em vários escalões do Partido, que leva os camaradas, em conversa, a citar factos, lugares e pessoas que as suas tarefas lhes fizeram conhecer, mesmo não se dizendo concretamente os nomes, mas que são facilmente identificados; o espírito de transigência que leva a não se criticar, na altura devida, todas as faltas conspirativas de que se toma conhecimento e a não fazermos a auto-crítica daqueles que nós próprios praticamos.

A tudo isto acresce ainda o facto de ter sido preso recentemente uma camarada que não aceitou, como era devido, as críticas e outros reparos feitos à sua actividade conspirativa, concluindo sempre que se defendia bem. É sintomático e bem elucidativo o facto de nos últimos dois anos o Partido ter perdido momentaneamente para o trabalho activo este e outro camarada que teve a mesma atitude. Como se vê, estes camaradas fecharam os ouvidos às justas críticas que lhes foram feitas por outros camaradas mais modestos e pelos organismos a que pertenciam. Estes camaradas não compreenderam ainda que estas posições enfatuadas facilitam, em regra geral, a perda do capital mais precioso do Partido — os Quadros. Eles não compreenderam que as posições enfatuadas, além de serem impróprias de comunistas, ficam sempre muito caras ao nosso Partido.

Pelo que fica exposto conclui-se que há camaradas que cometem erros, que praticam transgressões, que tomam posições ou adoptam métodos de acção totalmente opostos à orientação e à defesa do Partido em matéria conspirativa, esquecendo assim as experiências do passado, os ricos ensinamentos contidos na história do Partido a este respeito.

Estes camaradas esqueceram que foi a infracção às normas conspirativas a principal origem da prisão do Secretariado do Partido em fins de 1935, à cabeça do qual estava o nosso camarada Bento Gonçalves, acabado de chegar do VII.º Congresso da Internacional Comunista e de quem dependia, em grande par-

te, o novo impulso que nesta data se impunha dar ao melhoramento do trabalho do nosso Partido. Os nossos camaradas esqueceram já que foram as infracções, a transigência, o relaxamento e a falta de uma firme política em matéria conspirativa o que permitiu ao grupo provocatório apoderar-se da Direcção do Partido, nos anos de 1936 a 1940, alirando para a prisão camaradas que estavam no país e todos os outros que regressaram do estrangeiro, liquidando a imprensa e a organização do Partido. Os nossos camaradas esqueceram já que foram as deficiências do trabalho conspirativo que facilitaram a prisão de 4 camaradas do Comité Central no ano de 1942, assim como toda uma série de dificuldades que nesta ocasião se levantaram na frente do Partido, situação esta que, a não ter sido sustada, teria posto em cheque todo o trabalho de reorganização levada a efeito nessa época. Os nossos camaradas esqueceram já que foram a falta de vigilância, o relaxamento, o liberalismo e outras deficiências em matéria conspirativa, as causas determinantes dos golpes sofridos pelo nosso Partido em 1945, com o assassinato de Alex e a prisão de 13 funcionários, situação que, é justo admitir-se, também poderia ter sido provocada pelo espião Manuel Domingues, chegado havia pouco a Portugal, e que criou o ambiente propício à penetração deste traidor na Direcção do Partido, onde pôde levar a cabo o seu trabalho de espionagem que culminou com as prisões de 1949. Os nossos camaradas menosprezaram a importância do trabalho conspirativo e ainda não compreenderam que é no relaxamento das normas conspirativas onde encontramos as causas fundamentais da prisão de 9 camaradas funcionários nestes dois últimos anos, entre os quais dois do nosso Comité Central, assim como a prisão de muitos camaradas de norte a sul do país.

A DEFESA DAS ORGANIZAÇÕES E DOS QUADROS DO PARTIDO É A TAREFA PRINCIPAL

Nas actuais condições urge, como tarefa principal e imediata, intensificar a defesa das organizações e dos quadros do Partido, tendo em conta a experiência do passado, as lições e os perigos do presente. Neste sentido impõe-se:

Que do topo à base do Partido seja reforçada a actividade pela melhoria da **ORIENTAÇÃO CONSPIRATIVA**, que do topo à base do Partido se intensifique o reforçamento da **DISCIPLINA DO PARTIDO**, tendo em conta que esta só pode ser aplicada desde o momento que seja compreendida e livremente aceite por todos os militantes. A disciplina do Partido não é uma disciplina de caserna imposta ou aceite contra vontade, mas sim a disciplina que deriva do cumprimento consciente do dever.

Que dentro do Partido se intensifique a **PRÁTICA DA CRÍTICA E DA AUTO-CRÍTICA**, terminando duma vez para sempre com as posições enfatuadas de certos camaradas, as quais, no fundo, só servem para tornar as organizações e os quadros vulneráveis aos golpes da polícia.

Que se **REFORCE E DESENVOLVA A VIGILÂNCIA** E **CONSTRUTIVA E O CONTROLE DE EXECUÇÃO**, **ACABANDO, DUMA VEZ PARA SEMPRE, COM OS RECEIOS, COM OS ACANHAMENTOS OU QUAISQUER MANIFESTAÇÕES DE PASSIVIDADE E DE INDULGÊNCIA** que só servem para prejudicar a actividade e o desenvolvimento do Partido.

Mas, para que haja uma melhor compreensão e aplicação da política do Partido em matéria conspirativa, é preciso igualmente não subestimar, como sucede por vezes por parte de alguns camaradas, o carácter do fascismo, bem como as condições de rigorosa clandestinidade em que somos forçados a desenvolver a nossa actividade; é preciso não menosprezar os métodos cada vez mais aperfeiçoados que o inimigo está empregando contra o Par-

4ido e demais organizações democráticas nacionais.

Dentro desta orientação torna-se necessário salientar e ter sempre bem presente que a PIDE, a GNR, a PSP, Legião, patrões e agrários fascistas colaboram hoje muito mais estreita e organizadamente para localizar e prender os funcionários e a Direcção do Partido. Foi neste sentido, foi com esta intenção que Salazar afirmou no seu discurso em Maio de 1953: «... Bater o comunismo dentro das fronteiras; conviver com ele na sociedade internacional...». É neste sentido que temos de interpretar as palavras e as intenções do famigerado chefe da PIDE, Agostinho Lourenço, quando afirmou (como orientação a seguir contra o nosso Partido) no acto de posse do seu campo: Padreira: «E preciso saber esperar...». É com vistas a elingir o Partido e a dificultar a nossa acção junto das massas, que o salazarismo procura legalizar a PIDE e toda a sua acção repressiva, procura popularizar os seus dirigentes, fazendo-os aparecer em público, no mesmo plano de outras figuras fascistas menos queimadas e menos odiadas pelo povo.

POR UMA MELHOR DEFESA DOS FUNCIONÁRIOS DO PARTIDO

Os funcionários do Partido são homens e mulheres educados e tãperados no fogo das pequenas e grandes lutas de massas, em defesa dos interesses e aspirações da classe operária e do povo, na luta contra

o fascismo, na luta pela Unidade Nacional, pela Paz, pela Democracia e pela defesa da Soberania e da Independência do nosso País.

Os funcionários do Partido são quadros profissionais que actuem ligados à Direcção do Partido e que, sob a orientação desta, vão junto das organizações partidárias conduzi-las na sua actividade diária em defesa dos interesses e das aspirações das massas populares. Os funcionários do Partido, onde quer que se encontrem, tem como missão essencial aplicar e fazer com que seja levada à prática a linha do Partido e as resoluções da sua Direcção, que o mesmo é dizer: velar a cada instante pela defesa dos sagrados interesses da classe operária, do povo e do País.

Nestas circunstâncias, melhor podemos compreender o interesse da polícia e demais inimigos do povo em prender e aniquilar os funcionários do Partido.

Nestas circunstâncias, melhor se poderá compreender a necessidade de discutir e aplicar a orientação estabelecida desde há muito pelo nosso Partido, A RESPEITO DA ASSOCIAÇÃO DO TRABALHO LEGAL E ILEGAL, de novo focada no «Militante» n.º 72.

Nestas circunstâncias, melhor podemos compreender toda a importância de que se reveste a defesa da liberdade e da vida dos militantes do Partido, compreender o muito que se impõe corrigir e fazer para impedir mais prisões de camaradas funcionários e para defender, por todos os meios, a Direcção do nosso Partido.

TENHAMOS CONFIANÇA NAS MASSAS!

por MATOS

A confiança nas massas é a arma mais eficaz com que os comunistas contam para se tornarem verdadeiros revolucionários, lutadores incansáveis e organizadores da classe operária competentes e conscientes.

Sem esta confiança, nenhum comunista está à altura de se tornar um bom dirigente da classe operária, um bom organizador de massas.

E como pode qualquer camarada tornar-se um dirigente de massas, se não confiar nelas, na sua força e no seu dinamismo? De maneira nenhuma isto pode acontecer, ou se confia nas massas e se procura nelas o apoio necessário para a luta, ou não se confia e automaticamente se fica privado de as representar e de as conduzir na luta contra o fascismo.

Estarão todos os camaradas a seguir a orientação do nosso Partido e a aproveitar os seus ensinamentos, estes colhidos em milhares de lutas travadas em defesa dos trabalhadores de todo o país e ao longo de muitos anos? Infelizmente tal não acontece.

Senão vejamos: Numa grande empresa, os camaradas responsáveis e que há bastantes anos se encontram à frente da sua classe e perante a qual já têm dado provas de combatividade, encontram-se no momento presente debaixo dum perigoso estado de desânimo e a razão que apresentam para justificar este facto é, segundo dizem, as massas não querem lutar nem mesmo na defesa dos seus interesses.

Entretanto, os factos desmentem as afirmações destes camaradas, pois, algum tempo atrás, estas mesmas massas se levantaram unanimemente para lutarem contra um aumento de cotas proposto pelo seu sindicato. Esta luta terminou vitoriosamente devido à sua unidade e combatividade. Convm salientar que esta luta surgiu e desenrolou-se sem que nenhum dos nossos camaradas para isso tivesse contribuído como era seu dever; houve mesmo alguns que não tomaram parte nela.

Isto mostra bem como estes camaradas estão fora da razão, o esforço que devem fazer rapidamente para rectificarem as suas opiniões e a

necessidade que têm de se ligarem cada vez mais às massas e de confiarem nelas. Se assim não for, estes camaradas perderão todo o seu prestígio perante as massas e serão sem dúvida ultrapassados por elas. Estes nossos amigos devem, desde já, estudar os materiais editados pelo nosso Partido, em especial os que tratam deste assunto, confiarem cada vez com mais firmeza no Partido, na sua experiência, e seguir sem vacilações o caminho que ele nos aponta, porque é o único justo, o único que fará de nós combatentes de vanguarda.

Enquanto os camaradas desta empresa e de algumas outras se deixam vencer pelas dificuldades da hora presente e perdem a confiança nas massas, nós vemos os camaradas duma determinada classe, que, apesar das provocações e ameaças que lhes são feitas pelos agentes do patronato e do fascismo, não recuam, pelo contrário, colocam-se à frente dos seus companheiros de trabalho.

Isto acontece, porque estes camaradas têm confiança nas massas e estas confiam neles. Esta confiança nos nossos camaradas e, portanto, no nosso Partido deve-se ao facto da sua linha política ser justa, deve-se à luta sem tréguas que o nosso Partido conduz contra o fascismo, contra todos os inimigos da classe operária. Hoje pode dizer-se que os trabalhadores não só aceitam como desejam ser orientados pelo nosso Partido nas lutas que vão travando contra o patronato fascista.

Todos os nossos camaradas devem estar atentos à vontade de luta das massas, porque estas cada vez mais se vão convencendo que só com a luta organizada podem melhorar as suas condições de vida, cada vez mais se vão convencendo que para afastar de Portugal a sombra negra da guerra que Salazar faz pairar sobre as nossas cabeças é necessário lutar por melhores salários, é necessário forjar nas lutas reivindicativas (grandes ou pequenas) a unidade que há-de derrubar o fascismo salazarista.

“O PARTIDO NÃO PODERÁ DIRIGIR A CLASSE OPERÁRIA SE NÃO ESTIVER VINCULADO ÀS MASSAS SEM-PARTIDO, SE NÃO HOUVER TRAÇOS DE UNIÃO ENTRE O PARTIDO E AS MASSAS SEM-PARTIDO, SE ESTAS MASSAS NÃO ACEITAREM A SUA direcção, SE O PARTIDO NÃO GOZAR DE CRÉDITO MORAL E POLÍTICO ENTRE AS MASSAS”.

STALINE